

dezembro 1996
ano 1
edição meses letivos

Redefinindo a "comunidade"
Eduardo Aquino, Canadá
102661.2547@compuserve.com

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Faupuccamp. As opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola. Matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.



A noção de 'comunidade' colocada nos contextos da produção de arquitetura e da educação do arquiteto tem, por muitas vezes, sonogado a própria realidade do termo, privilegiando uma área de ação que, por mais que relevante, é ao menos limitada. Me lembro que a idéia de comunidade -no tempo em que enveredava pelos corredores da Pinacoteca do Estado tentando absorver ao máximo dos ensinamentos que lá se afluavam- era mais relacionada às populações organizadas de baixa renda na periferia da metrópole e à produção do arquiteto como resposta às necessidades de tal população. A redefinição de comunidade nesta passagem de século vai com certeza influir e expandir possibilidades de ação, não só baseadas na necessidade permanente do redesenhar a cidade, mas também associada às mais variadas vertentes do pensar a arquitetura e a produção cultural. A presente edição da revista Metropolis (New York, novembro 1996), como também a publicação do livro da artista e teórica Suzanne Lacy -Mapping the Terrain: New Genre Public Art (Mapeando o território: novo gênero de arte pública, Seattle: Bay Press, 1995)- sugerem tal redefinição como premente.

A revista Metropolis começou a estruturar o presente número ao perguntar a arquitetos, artistas, designers e educadores, qual o significado de comunidade. O que é comunidade? Os membros de uma mesma comunidade possuem necessariamente algo em comum? Um grupo de pessoas que possuem algo em comum formam, necessariamente, uma comunidade? A sua comunidade primária é definida geograficamente? Recebendo respostas das mais contraditórias e complexas, a editora Diana Friedman chegou ao menos a uma conclusão, esta indicando os pontos unân-

nimes provindos de todos os participantes: comunidade é fundada em participação, cooperação e objetivos comuns. A partir desta tentativa de redefinição são apresentadas as mais variadas experiências de práticas diretamente ligadas à comunidades específicas. O projeto Help Design!, por exemplo, beirando o Central Park em New York, organizou-se com o objetivo de mostrar que o espaço público é do usuário, criado pelo usuário, para o usuário. Um grupo de arquitetos trabalhou intensamente com o público local, onde sugestões de melhoramentos resultaram de um esforço coletivo, de um espírito de colaboração. De uma outra forma a artista Annie Lanzillotto, do Bronx-NY, alugou um quiosque no mercado italiano do bairro, e, ao invés de montar uma barracquinha de mercadorias, se instalou com um piano de cauda e convidou açougueiros, fruteiros, a freguesia e amigos artistas a participarem musical e teatralmente na barraca, trazendo assim uma qualidade a mais a vida cotidiana do mercado. Como resultado, Lanzillotto está organizando uma ópera -La Scarpetta (em italiano, o último pedacinho de pão utilizado para limpar o prato no final da refeição)- em colaboração com toda esta gente e a ser apresentada no mesmo mercado em 97. No mesmo espírito, Lacy compila em Mapping the Terrain uma série de ensaios críticos, articulando com destreza esta nova tradição de prática artística, proto-estabelecida pelas legendas de Joseph Beuys, Guerrilla Girls ou Allan Kaprow, e no contexto brasileiro, Hélio Oiticica e Lygia Clark. Lacy declara: "Toda arte posiciona um espaço entre o artista e o observador do trabalho, preenchido tradicionalmente pela obra. Novos gêneros de arte pública sugerem um espaço preenchido com o relacionamento entre o artista e o espectador." Nesta tradição a obra é definida não por sua qualidade material, mas por relações complexas e transformadoras entre estes dois constituintes fundamentais da experiência artística. É com muita surpresa que Lacy deixa de fora a contribuição fundamental dos brasileiros, mas mesmo assim Mapping the Terrain oferece novas direções no questionamento de novas práticas artísticas, especialmente

Crédito Educativo para alunos da Puccamp
Direção da Faupuccamp

URGENTE. Estão abertas as inscrições para o Crédito Educativo do MEC-CEF para o 2º semestre de 1996. Serão selecionados 899 estudantes na universidade segundo os critérios do índice de classificação.

As condições para inscrição são as seguintes: ser brasileiro nato ou naturalizado; ser estudante universitário regularmente matriculado no seu 1º curso de graduação; ser economicamente carente; ter bom desempenho escolar; não receber auxílio de qualquer fonte para custeio de seus estudos.

Retirada das fichas de inscrição de 3 a 13 de dezembro no setor de contas a receber (Campus I e Prédio Central). Preencher e entregar a ficha de inscrição e os documentos comprobatórios até o dia 16 de dezembro na sala 106 do Prédio Central.

aquelas relacionadas à formulação de novos conceitos de participação e comunidade.

Ao redefinir pessoalmente novas noções de comunidade, a prática da produção cultural se volta para responder às necessidades de uma comunidade 'local'. A determinação de um 'lugar' neste sentido vai muito além da compreensão tradicional, mais fundada num paradigma geográfico do que na consolidação de sentidos autênticos. Ao escrever este pequeno artigo penso comigo mesmo que os leitores deste estabelecem comigo um 'sentido de participação e cooperação' mais tangível, mais real, do que os meus próprios vizinhos da rua Bleury, aqui em Montreal. As distâncias relativas, as conexões existentes, as paixões comuns, assumem uma presença saliente na redefinição pessoal de comunidade. Seja esta por ação direta (com presença física) ou por participação ativa, a manobra criativa evoluirá através das novas disponibilidades tecnológicas e fronteiriças que este final de século nos sugerem.

Revista Metropolis
<http://www.metropolismag.com>
Editora Bay Press
<http://www.baypressinc.com/baypress>

Editor responsável
Abilio Guerra

Correspondentes
Cristina Mehrrens *EUA*
Eduardo Aquino *Canadá*
Marcos Tognon *Itália*
Mª Pilar P. Pineyro *Uruguai*
Paul Meurs *Holanda*
Paulo Dzioli *França*
Pedro Moreira *Alemanha*
Ramón Gutierrez *Argentina*
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores
Diego Wisnivesky
Flávio Arancibia Coddou
Regina Fraga Moreira
Tatiana Alarcon
Wagner L J Monteiro

Faupuccamp
Diretor
Wilson R dos Santos Jr
Vice-diretor
Irineu Idoeta
Coordenador de curso
Ricardo M. de Azevedo

Centro de Apoio Didático
Campus I
Rod D. Pedro I - Km 136
Campinas, SP, Brasil
CEP 13089-500
fone 55-019-754.7156
fax 55-019-255.6376

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.br

Boletim Óculum, tiragem
de 5000 exemplares.
Distribuição gratuita.

Apoio cultural

 Itautec

IMPRESSO

Complexidade e contradição em Euralille

Flávio Arancibia Coddou, França
"coddou"@easynet.fr



O mega canteiro de Lille, dos empresários endinheirados europeus que anos antes tinham brincado de La Défense, transformou-se assim como os "grands projets" de Mitterand, em ícones da arquitetura contemporânea e em experiências "megalomaniacas" contestadas por arquitetos e intelectuais franceses. E no caso de Euralille, num modelo de ocupação urbana que dá nos nervos dos críticos que divulgam seus discursos em publicações do meio arquitetônico. Lille também entra na discussão sobre o futuro das cicatrizes deixadas por esses totens gerados a custos exorbitantes e devidamente desocupados pelos altos preços dos metros quadrados da nova arquitetura. O novo "hall" de entrada de Lille é mais um desses inúmeros projetos de estações de TGV feitos para abrigar experiências da arquitetura de pele e ossos, projetos de encarte de propaganda de empresas de construção, com a diferença deste não tratar-se de um exemplo da moda da zoomorfologia simbólica.

Ao sair da estação, a primeira grande referência que se apresenta é a torre do Crédit Lyonnais. Quase figurativo, o totem de ângulos oblíquos autônomo nas alturas, sobreposto à estação e com acessos restritos e verticalizados, "sinal emblemático" na paisagem de Lille, se opõe à arquitetura de Portzamparc desenvolvida em Paris no contexto urbano. A torre verde de cem metros de altura é ponto de referência imediato na paisagem de Lille e causa certa estranheza a relação volumétrica com a estação.

Ao lado, o edifício de Nouvel possui hotel, escritórios, moradia estudantil e centro comercial. A elevação do imóvel Le Corbusier parece um comentário da Unité d'Habitation de Marseille com seus elementos coloridos colados aos vidros da fachada. No centro comercial, até mesmo a arquitetura parece estar à venda: a grande cobertura em diagonal e os pilares espelhados com reflexos multicoloridos são a marca do arquiteto.

As três torres (das cinco originalmente previstas) criam uma perspectiva que Nouvel caracteriza como "a fachada mais urbana" onde "tem-se a impressão de estar numa cidade grande". Ali observa-se que Euralille está dentro da cidade, a dois passos do centro histórico, porém numa fronteira fortemente marcada pelo contraste com uma cidade "tão intacta, tão clássica e tão pura, quase sem signos de modernidade", como observou Koolhaas na sua visita à cidade em 88. Os edifícios de Nouvel e Koolhaas, os mais próxi-

mos do verdadeiro centro de Lille, estão ligados à idéia de infraestrutura da cidade, experimentação de novas combinações de programas e "signos de modernidade" da velha cidade.

No caso do Congrexpo, a avenida que separa o edifício do restante do conjunto está prevista para ser desviada; enquanto isso não acontece a passagem subterrânea que leva o pedestre a aparecer a 10 m do pé do edifício é uma infeliz solução adotada. A dificuldade de apreender uma imagem única do edifício, ao contrário da "bota" de Portzamparc, é resultado da escala e forma oval adotadas. Chama a atenção o uso de materiais completamente diferentes: vidro, plástico, espinho, pedra, madeira, concreto, enfim, toda a história da construção didaticamente separada e justaposta, servindo como elemento de diferenciação nos usos de cada espaço. Contando ainda com elementos da pós-ocupação: tapetes vermelhos e vasos de plantas sob cada pilar, intrínsecos à imagem de espaços com tal uso.

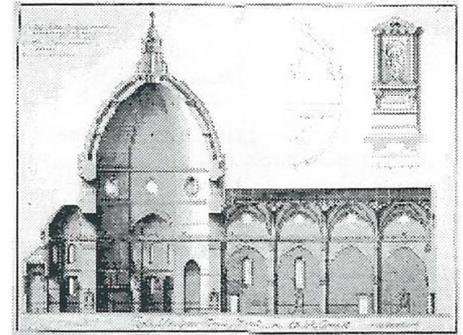
Ao supor quanto tempo Carl Lewis gastaria para percorrer longitudinalmente o projeto ou ao comparar custos em relação a um número de vagas de estacionamento no centro de Tóquio, a personalidade do arquiteto se revela perturbadora no mundo da arquitetura politicamente correta. Com uma produção teórica tão vasta, a realização prática do arquiteto está de tal modo afastada de uma real inteligibilidade, que a tendência a um solilóquio aparece como um possível fim da "moda" Koolhaas, ao menos intramuros na Europa, sem que este nunca tivesse se dedicado a criá-la e nem mesmo a controlar os mal-entendidos produzidos pelo furacão passageiro de uma tendência masturbatória ou impiedosamente crítica sobre sua obra. Seu discurso teórico contra o princípio da fragmentação parece em vão na realidade de Lille e acentua a tendência errônea e ao mesmo tempo óbvia de colocá-lo no mesmo "saco" dos deconstrutivistas.

De fato a euforia dos arquitetos impediu uma real aproximação com a cicatrização do conjunto na trama urbana. Lille deverá olhar para si mesma e perguntar qual furacão passou por ali. Na verdade, enquanto os projetos não se completam pela falta de outros previstos, as arquiteturas se confrontam e ainda assustam a velha Lille. Euralille seguramente já conta como sendo uma das realizações mais comentadas nos últimos anos na Europa, e pela complexidade que engendra ainda terá muitas linhas contra ou a seu favor.



As máquinas do espaço

Marcos Tognon, Itália
tognon@sabsns.sns.it



Um verdadeiro renascimento da especulação sobre a mecânica do ar, da água, da matéria arquitetônica, do corpo humano, um renascimento, enfim, daquele espírito que na antigüidade deixara tantos tratados, tantas obras maravilhosas de pura engenharia dos sólidos ou dos líquidos, ou ambas, arquitetônica e hidráulica como no aqueduto por exemplo, é o objetivo da mostra que visitamos no florentino Palácio Strozzi.

Primando pela máxima didática do percurso expositivo, com as reproduções em escala de várias "máquinas" operáveis, reproduções e originais dos projetos destes "engenheiros" como também os curiosos aparelhos auditivos individuais que se recarregam de informação em cada sala, salvando o visitante das cansativas leituras dos painéis, a mostra se estrutura economicamente em três seções: Brunelleschi (1377-1446) e a cúpula de S. Maria del Fiore em Florença; os engenheiros de Siena, destacando Taccola (1381-1458?) e Francesco di Giorgio (1439-1501); e Leonardo (1453-1519), suas máquinas e suas reflexões sobre os mecanismos.

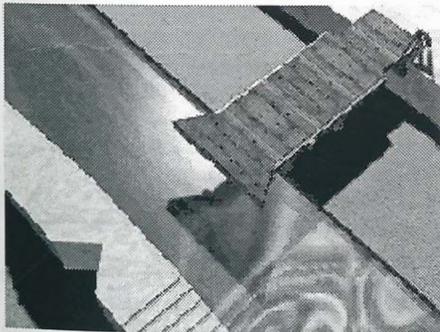
As máquinas desses engenheiros são, na verdade, formas transmissíveis, potencializadoras de forças: levantar enormes blocos de pedras, percorrer os rios, desviar as águas, arremessar corpos balísticos, aproveitar os ventos, e assim voar, eis a primeira máquina exposta na mostra, a complexa estrutura de asas e mecanismos transmissíveis de Leonardo para permitir um vôo humano, projeto desenvolvido no manuscrito "B" de Paris. Podemos dizer que são máquinas do espaço, sim, pois contam com os movimentos da forma no espaço, contam com a transmissão de deslocação espacial, convertendo-se em ações circulares, axiais, oscilações diagonais; as formas das máquinas atingem os seus objetivos no espaço, na mudança de vetores, no contato de segmentos, na regularidade de torções e de balanceamentos. É a razão pela qual essas máquinas só podem ser desenhadas com o uso da representação tridimensional, e entendemos porque Brunelleschi, o "inventor moderno" da perspectiva, é o engenheiro inaugural do Renascimento. Basta pensar na cúpula mariana, aquela se que ergue "acima dos céus" lembrando a dedicatória de Alberti no De pictura, uma verdadeira máquina arquitetônica cuja função era cobrir o maior vôo da Europa dos Quatrocentos, e assistida por outras tantas

Da metrópole à tecnópole

Paulo Roberto Dizioli, França
oculum@imaginet.fr

máquinas engenhosas, guindastes sobretudo, vencendo o peso da matéria antes inerte. As máquinas naquela Toscana de Brunelleschi floresceram e se estenderam às aplicações mais urgentes, como o controle das águas em uma cidade, Siena, geograficamente dificultada pelas grandes cadeias rochosas. Primeiro Mariano di Iacopo, conhecido como Taccola, que promove um verdadeira recuperação do saber antigo relativo à hidráulica, para as fontes, para os sistemas de canalização de água; depois, Francesco di Giorgio, um pleno humanista da segunda metade dos Quatrocentos, que não só enfrenta os problemas da navegação e da movimentação dos fluidos, mas nos deixou inúmeras provas das suas conquistas na "arte da guerra", criando carros especiais de combate, de assédio, principalmente para o Duque Montefeltro de Urbino, e, na balística e na topografia, com certos instrumentos de medição, na arquitetura, em suma, na arte de edificar os monumentos, palácios, torres, pontes. Por fim Leonardo, e na mostra em Palácio Strozzi, destaca-se sobretudo o Leonardo especulador, o Leonardo filho da "experiência na natureza": não interessa uma obra terminada, uma máquina concluída, mas os princípios, os mecanismos, a lógica dos movimentos, digamos, a ação mecânica dos corpos e seus respectivos desenhos. Portanto, o parafuso, os movimentos oscilantes circulares ou axiais, as trajetórias, as cremalheiras, as entrosas; e, sobre o mecanismo então mais perfeita, a circulação do sangue, os músculos, a reprodução, a voz, os ossos do corpo humano no espaço.

Ilustrações: Acima, cúpula de Santa Maria del Fiori, de Brunelleschi. Abaixo, ponte retrátil de Leonardo da Vinci



Exposição Engenheiros da Renascença
Florença, Palácio Strozzi

22 de junho 1996 - 06 janeiro 1997

curador geral: Paolo Galluzzi

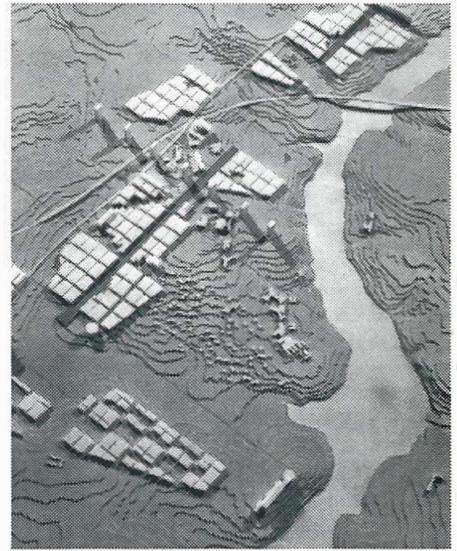
catálogo: Editora Giunti, 252 pp.

entidades promotoras: Finmeccanica e Instituto e

Museu de História da Ciência, Florença

internet: <http://galileo.imss.firenze.it>

A mundialização da economia não significa somente uma transformação da economia, ela revolucionará sem dúvida a organização espacial do planeta. Através das redes mundiais que se estão criando, redes estas não somente ligadas à economia mas que abrangem cada vez mais todos os domínios da vida, se anuncia o ocaso dos estados nações. Uma cultura mundial está se formando e a sua característica principal é a sua imaterialidade. A resolução deste paradoxo, cultura/imaterialidade, necessitará de uma base material para que esta imaterialidade não se transforme em artificialidade. Esta base material serão as cidades. Pontos de contato entre este vasto espaço mundial e imaterial e um espaço regional e material, as cidades terão que em breve tempo se capacitar para assumir este novo papel. Quase tudo terá que ser reestruturado, a sua forma de gestão, a sua estrutura econômica, a sua estrutura cultural regional e a sua estrutura física. Será através das cidades que a cultura mundial se materializará, transformando-se em regionais através da reinterpretação que cada cidade fará dela. Mas será também através das cidades que as culturas regionais se imaterializarão, transformando-se em cultura mundial através do intercâmbio mundial de informações. Esta nova cidade podemos chamar de tecnópole. O termo tem a sua origem na evolução do conceito de parques de alta tecnologia. Estes tinham como finalidade aproximar a universidade, os centros de pesquisa e as indústrias para facilitar e dinamizar os intercâmbios entre eles, incrementando assim o desenvolvimento tecnológico. Porém, esta proximidade, por ela só, não se revelou suficiente para atingir os objetivos desejados. Este conceito de parques de alta tecnologia foi reinterpretado por várias cidades médias francesas tentando redimensioná-lo à realidade local e procurando respostas para implementar realmente a sinergia entre as partes. O resultado foi a constituição do conceito de tecnópole. Contando basicamente com recursos locais os tecnopolos se caracterizam por serem não somente uma operação imobiliária, o loteamento de uma área, mas sim de contar com uma gestão, um conselho, composto por vários atores: as prefeituras das cidades envolvidas, as associações comerciais, a universidade, os centros de pesquisa, etc. Este conselho define as estratégias a longo prazo do tecnopolo e a partir delas cria as infra-estruturas básicas para acolher ou incentivar a criação de micro ou pequenas empresas, de laboratórios de pesquisa, de sítios universitários. Uma outra sua característica, ainda embrionária, é a constituição de uma animação tecnopolitana. Esta animação tecnopolitana tem por função identificar os intercâmbios possíveis ao interno e ao externo do tecnopolo, de colocar as partes em contato e criar as condições materiais para que estes intercâmbios possam efetivar-se. Se o termo masculino, tecnopolo, define um espaço físico, o termo feminino, tecnópole, define todo o complexo, a



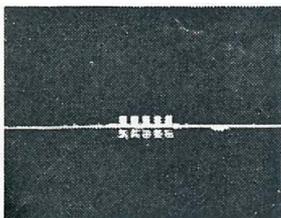
gestão, a programação, a animação e o sítio. A evolução natural deste conceito é a sua expansão para todos os domínios da cultura regional da cidade, a arte, o lazer, o comércio, o esporte, etc. Até o momento não há ainda nenhuma realização concreta, mas algumas tentativas neste sentido nos permitem deduzir esta evolução. Veja-se Montpellier, Lyon e Nantes na França; Louvain-la-Neuve na Bélgica e o embrião da tecnópole de Porto Alegre no Brasil.

Até o momento a reflexão sobre o tema no meio arquitetônico é quase nulo. O maior esforço de reflexão feito até o momento foi o concurso de idéias para três dos sete sítios da tecnópole de Nantes, lançado em junho de 1988. Seis arquitetos foram convidados para este concurso, Peter Ahrends, Alessandro Anselmi, Anton Capitel e Javier Velles, Hans Kollhoff, Boris Podrecca e finalmente o ganhador Christian de Portzamparc. A principal contribuição do projeto de Portzamparc foi a de interpretar o tema não como uma parte destacada da cidade de Nantes mas sim como um verdadeiro espaço urbano. Um espaço que não contém somente as funções ligadas diretamente ao tecnopolo mas também, habitações, serviços e lazer. Abre-se doravante a nós arquitetos, portanto, um enorme campo de reflexão.

Carta de Buenos Aires

Adrián Gorelik

agorelik@unq.edu.ar



Estimado Abilio:

Es la primera vez que intento enviar imágenes por el correo, así que espero que no falle. Te envío el dibujo de Le Corbusier de su proyecto de los rascacielos sobre el agua (la cité des affaires) para la costa en Buenos Aires, con el que ilustro su novena conferencia el viernes 18 de octubre de 1929, publicado en *Précisions*, sur un état present de l'architecture et de l'urbanisme. Y te mando una fotografía casi contemporánea, que enfoca la costa de Buenos Aires desde el río, tomada por Horácio Coppola y publicada en el *Album Buenos Aires 1936*, álbum conmemorativo del cuarto centenario de la primera fundación de la ciudad.

La frase que me parece interesante que vaya de Le Corbusier, es de esa misma conferencia, acompañado el dibujo, cuando cuenta su impresión al llegar precisamente a esa costa desde el barco, impresión que según su relato le inspiró el proyecto completo para Buenos Aires. Dice Le Corbusier: "De pronto, más allá de las primeras balizas iluminadas he visto Buenos Aires. El mar uniforme y plano, sin límites a izquierda y derecha, cielo argentino tan lleno de estrellas y Buenos Aires, esa feroz línea de luz comenzando a la derecha hasta el infinito y huyendo a la izquierda hacia el infinito, a ras del agua. Nada más, salvo, en el centro de la línea de luz, la crepitación de un fuego eléctrico que expresa el corazón de la ciudad. Es todo. Buenos Aires no es pintoresca ni variada. Simple reencuentro de la Pampa y el Océano, una línea iluminando la noche de un extremo a otro. (...) Esa visión me ha quedado intensa, magistral. Pense: no existe nada en Buenos Aires. Pero que línea fuerte y majestuosa. (...)"

Coincidiras en que es una frase de una fuerza poética poco frecuente en los textos de arquitectos. Espero que te guste y puedas aprovecharla.



Por uma história comparativa do urbanismo

Cristina Mehrtens, Estados Unidos
mehrtens@umiami.ir.miami.edu

Reproduzo aqui parte de interessante discussão que ocorreu durante a preparação da conferência sobre História Urbana (Veneza, 1998). Pierre-Yves Saunier (Centre National de la Recherche Scientifique) questionou a falta de estudos efetivamente comparativos entre cidades norte-americanas e européias. Richard Harris (editor da *Urban History Review* e professor na McMaster University em Hamilton, Ontário) concorda com tal opinião e propõe a criação de um novo painel explicitamente comparativo para a reunião em Veneza. Uma sessão comparativa intencionaria tanto apresentar, lado a lado, experiências nacionais específicas quanto estabelecer contatos, abrir o diálogo e, talvez, possibilitar que uma pesquisa comparativa de fato tenha lugar. No entanto, Harris alerta que a experiência anterior é desalentadora. Nas conferências do Canadá (décadas de 70 e 80) e dos Estados Unidos (décadas de 80 e 90) apresentaram-se diferentes experiências urbanas (a maior parte delas em cidades norte-americanas) sem que tais pesquisas trouxessem resultados voltados a um trabalho comparativo. Talvez o problema estivesse na própria formação americana e seu enfoque para a especialização e/ou no fato de que o número de historiadores voltados para o urbano seja insuficiente. Harris alerta que a opção deliberada por um trabalho seguro e especializado em vez de um trabalho arriscado nos moldes da análise comparativa é uma tendência que percorre todas as ciências sociais.

Jim Wunsch (Universidade Estadual de Nova York) explica que o estudante americano do urbano sofre uma forma particular de stress em sua formação. Estudar "um" só lugar torna-se fator imperativo e inerente. O resultado é que após escrever as descobertas sobre só "um" lugar, a fadiga, mesmice, ou a necessidade de ter algo publicado faz com que a busca das mesmas questões para outros lugares torne-se extremamente improvável. Assim, pior que a ausência de estudos urbanos comparativos entre cidades norte-americanas e européias é a considerável falta de estudos comparativos entre cidades de uma mesma nação ou região. Segundo Wunsch, os americanos tornam-se ainda mais frágeis quando tentam generalizar a partir de especificidades estudadas. Os americanos suprimam tal falta através do estudo das "grandes cidades". Tais cidades se tornam intrinsecamente importantes e, portanto, protótipos. Na verdade, não sabemos se elas realmente o são. Estariam os historiadores do urbano dos países europeus seguindo melhores caminhos? Ou seriam estes caminhos ainda mais tortos quando tomam como ponto de referência capitais nacionais gigantes como Londres, Paris e Viena?

Por outro lado, John Bingham (Universidade de York em Toronto) acredita que uma boa solução na correção da miopia profissional estaria em abarcar o estudo das cidades dentro de um contexto regional maior. Dentro desta perspectiva, Bingham está escrevendo sua dissertação de doutorado. O enfoque do estudo está no período da República de

Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

Novo Teatro da Puccamp

No próximo dia 16 de dezembro será apresentado à comunidade empresarial de Campinas e região o anteprojeto e a maquete do novo Teatro da Puccamp. O trabalho foi desenvolvido pela equipe de professores da Faupuccamp liderada pelo arquiteto Araken Martinho e com participação dos arquitetos Luiz Chichierchio, Roberto Assumpção e Jorge Oswaldo Caron (convidado). A solenidade visa obter os apoios e patrocínios necessários para levar a cabo um empreendimento essencial para a modernização e aprimoramento de nossa universidade. O evento acontecerá no CIEQ, campus I, às 17 horas.

Especialização na Faupuccamp

No próximo ano se iniciará o curso de especialização em "desenho e gestão do território municipal". Para profissionais vinculados a administrações municipais (executivo e legislativo) e demais interessados no campo das políticas urbanas, preferencialmente –mas não exclusivamente– para arquitetos e engenheiros. Com coordenação de Raquel Rolnik, a equipe de professores contará com profissionais com experiência na administração pública e diversos palestristas convidados, com destaque para Nabil Bonduki e Paul Singer.

As inscrições de 6 de janeiro a 24 de fevereiro de 1997. Informações: Faupuccamp, Campus I, Rod. D. Pedro I, km 136, 13020-904, Campinas, SP, fones 019 754.7178 ou 754.7177, com Júlio.

Weimar, 1919-1933, e o trabalho lida com as diretrizes legais e institucionais da Nação e do Estado, nos moldes da abordagem comparativa sugerida por Louis Dean. Neste sentido, o DST, *Deutsches Staedtetag* (Congresso Alemão das Cidades) tornou-se ponto vital para coleta de qualquer dado sobre a cidade em seu trabalho. O DST localiza-se em Berlim e seu acervo provém do final do século XIX até os dias de hoje. O arquivo, sempre em contínuo trabalho de organização, classificação e sumariação de seus dados, torna possível a identificação de temas relevantes perpassando por um grande número de centros (ou mesmo protocentros) urbanos. Tal fato altera a ênfase no aspecto local sem desmerecê-la. Existiriam organizações de dados como esta nos Estados Unidos ou outros países? Tais arquivos poderiam facilitar a propulsão de trabalhos comparativos entre várias cidades de um mesmo país ou de outros.

Finalmente, o tema e a seleção de urbanistas de diferentes origens e formação profissional teve o propósito de salientar a efetividade e multivocalidade da Internet através de listas de discussões como H-URBAN. Tal fato releva a importante tarefa imposta a nós, profissionais do urbano fora do eixo leste-oeste, de um posicionamento. O que é aceito e estudado entre nós? Como poderíamos participar deste debate? Alguma sugestão? H-Urban: <http://h-net.msu.edu/~urba>